

Editorial

Em 2023, a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano desembarcou no coração da floresta amazônica, reunindo sua comunidade psicanalítica na cidade de Belém do Pará. Quem diria que um dia poderíamos provar o sabor de Lacan com tucupi? Jacques Lacan, o psicanalista francês que reposicionou a psicanálise como práxis discursiva que deve circular nas cidades, e que convocou os psicanalistas a estarem à altura da subjetividade de sua época. Teria ele imaginado que as consequências de seu ensino levariam à ocorrência de um Encontro Nacional da Federação dos Fóruns do Campo Lacaniano no Brasil, no epicentro da maior crise global contemporânea: a crise climática, que coloca em risco a própria existência da humanidade, e sendo uma de suas principais causas o extermínio da floresta por interesses econômicos?

As relações entre laço social, economia, ciência, natureza e linguagem sempre foram fundamentais para a sustentação do discurso do psicanalista. O tema do Encontro Nacional de 2023, “A psicanálise entre saber e verdade”, permitiu um amplo debate a respeito do modo original como a psicanálise localiza a articulação paradoxal entre as noções de saber e verdade, um dos problemas mais relevantes do pensamento ocidental, nos campos da filosofia e da ciência moderna.

O trabalho de Lia Silveira, “O espantinho e o cientista: notas sobre algumas bobagens e a angústia de Oppenheimer”, abre perspectivas e debate com o livro *Que bobagem! Pseudociência e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*, de Nathalia Pasternak e Carlo Orsi, a partir do filme de Christopher Nolan sobre o cientista Oppenheimer, cotejando o saber em jogo na ciência e o saber da psicanálise, traçando suas aproximações e diferenças.

É também esse o cerne do trabalho de Raul Pacheco Filho, “Certeza, saber e verdade na práxis de Freud e a orientação para o real formalizada por Lacan”, argumentando que Freud e Descartes operaram cortes no saber e criaram campos anteriormente inexistentes: a ciência moderna e a psicanálise. Mas aponta as dissimetrias, já que Freud resguardou a impotência da verdade no campo da psicanálise, e Lacan formalizou a disjunção entre saber e verdade.

No texto “Eu, o saber, não falo”, Luciana Guarreschi desenvolve essa disjunção a partir da prosopopeia lacaniana “Eu, a verdade, falo”, produzindo uma paródia: “Eu, o saber, não falo”, com o objetivo de apontar a incomunicabilidade do saber do analista, sem, entretanto, pender para o obscurantismo religioso, que exclui o desejo do analista.

Em “A incompletude do saber e da verdade na experiência analítica”, Ida Freitas segue os caminhos do saber e da verdade ao longo da experiência analítica, par-

tindo da questão inicial que situa a paixão da ignorância em sua função de causa do desejo de saber até chegar, a partir do percurso analítico, ao consentimento com a meia-verdade no final da análise.

É justamente da meia-verdade que parte Ingrid Figueiredo no texto “‘Eu não tenho nada pra dizer, então eu digo’: o que é possível dizer como meia-verdade?”, articulando que ao analisante só é possível semidizer a verdade, já que sua estrutura também é de ficção. Por meio desse semidizer, é possível atravessar a fantasia fundamental que fixou uma marca de gozo e um valor de verdade por contingência que escreve a impossibilidade da relação sexual.

Letícia Pacheco Gondim e Cleyre Messias Gontijo, no texto “‘O diabo’ mulher: a ameaça por trás do saber feminino e da verdade d’A mulher”, propõem abordar essa não relação a partir do tratamento da especificidade do gozo feminino em Freud e Lacan, concluindo com esse último que, para além da lógica da castração, há uma parte no campo do gozo que pertence ao real, existindo um desejo inconsciente que diz sobre o saber do sujeito feminino, enquanto a verdade é que a mulher não existe.

Lorena Amorelli Reinato e Priscilla Melo Ribeiro de Lima, em “Formação, psicanálise e patriarcado: o caso May”, propõem debater a formação em psicanálise a partir das formações da cultura, mais especificamente do patriarcado, como ordem que rege as relações de dominação-exploração entre homens e mulheres, e buscam convocar os psicanalistas a aprofundar o debate sobre a formação em psicanálise a partir de um caso como relato de um percurso de formação.

Kátia Sento Sé de Mello, em “Entre saber e verdade de mulheres encarceradas no sistema de justiça brasileiro: qual o lugar do sujeito?”, interroga quais seriam os efeitos da inexistência do lugar da escuta em contexto prisional. Ao escutar mulheres nesse contexto, observou que elas enfrentaram o dilema de sucumbir à lei da pólis ou fazer valer o desejo, propondo, então, uma comparação com a tragédia de Antígona.

No texto “AMORte: entre o saber e a verdade na psicose”, Letícia Pacheco Gondim parte do encontro de Lacan com sua paciente Aimée, com base no qual ele construiu a questão: o que é o saber? Ela sustenta que na psicose tanto o amor quanto a falta dele representam um risco de morte. Em resposta a esse amor erotomaniaco, temos como trabalho fazer esse amor falar.

Em “A criança entre saber e verdade, ou ‘o que é a psicanálise para uma criança?’”, Maria Claudia Formigoni e Maria Laura Silvestre partem da questão da verdade que a criança representa, tal como Lacan indica em “Nota para a criança” (1969), para, a partir de um caso clínico, transmitir a aposta nos efeitos da psicanálise para a criança.

Barbara Guatimosim, em “Hamlet entre saber e verdade”, parte das sete lições de Lacan sobre *Hamlet* no *Seminário 6: o desejo e sua interpretação*, para concluir que o saber não vetoriza o ato estancado pela angústia de uma verdade que o

detém, e pergunta quais são os elementos gozosos que enredam Hamlet e, ainda, que saber, que verdade podem fazer o desejo passar ao ato.

Mais além de articulações epistêmicas e de interseção com a ciência, a arte, a política e a sociedade, vários colegas puderam interrogar e problematizar. No texto “A opção internacional: anseio de ex-sistir?”, Miriam X. Pinho-Fuse interroga qual seria a função da opção internacional da Escola a partir de três perspectivas: a opção internacional como garantia de duração, como anteparo aos abusos do Um e como anseio de ex-sistir.

Alguns trabalhos foram escritos a partir da experiência dos autores na função passador, no dispositivo do passe criado por Lacan para recolher os testemunhos da passagem de analisante a analista. Em “Letras transparentes de um dizer”, Leonardo Lopes interroga: após tantas guerras e inquisições desde a publicação da *Interpretação dos sonhos* (1900), no desafio de sustentar a política do inconsciente e a cura pela palavra, quão foi possível preservar do caráter pestilento de uma análise? O texto visa a formalizar a experiência virulenta pela qual acontece um analista, que, no final, pode passar ao público e transmitir as contingências pela qual o ato analítico pode infectar.

No texto “Um fragmento de saber a partir da função passadora: tecituras entre fiapos e fiascos que podem ter efeitos de transmissão”, Isabela Cristina Batista Ledo Carapeto traz um fragmento de saber que se *desfiou* de uma experiência no dispositivo do passe a partir da função passadora. Ao tentar *apanhar* algo, um passador pode ver-se *apanhado*, provando uma nova relação com o saber inconsciente, permitindo a escrita do novo?

Em “‘Aperta o passo’ ou ‘um passo de cada vez?’”, Pricila Pesqueira de Souza aborda sua experiência como passadora e os efeitos da experiência em sua relação com a Escola, recorrendo ao livro *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez.

Pudemos contar também com dois trabalhos de colegas que foram nomeadas Analistas de Escola (AE). Elynes Barros Lima, em “O estranho que nos habita”, busca cernir, a partir de obras literárias e de seu próprio testemunho de passe, o conceito de estranho. A pergunta a que esse texto tenta responder é: como passar da queixa sobre o gozo do Outro para localização e redução desse gozo como marca do sujeito e de sua inefável ex-sistência?

No texto “Passando”, Constanza Lobos apresenta um recorte de seu testemunho, dos passos no atravessamento analítico, de um percurso que possibilitou uma conclusão, destacando que a colocação em funcionamento desse dispositivo não causa somente os envolvidos diretamente nele, mas tem efeitos mais além da experiência de cada um, efeitos na comunidade.

Desejo a vocês uma ótima leitura!

Rio de Janeiro, dezembro de 2023

Ana Laura Prates